

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

A morena da estação

Leitor fluente e jovem adulto – 8º e 9º anos do
Ensino Fundamental e Ensino Médio

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▮ do mesmo autor;
- ▮ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▮ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

A morena da estação

Leitor fluente e jovem adulto – 8º e 9º anos do
Ensino Fundamental e Ensino Médio

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em Araraquara, em julho de 1936, Ignácio ganhou este nome por causa de Santo Ignácio de Loyola (fundador da Companhia de Jesus, os jesuítas), pois era costume colocar nos filhos o nome do santo do dia. Fez o curso primário (Fundamental, hoje), o secundário (Médio) e o pré-vestibular. Não frequentou faculdade, precisava trabalhar e estudar. Compensou com esforço próprio, lendo, estudando e viajando. Iniciou sua carreira produzindo contos e um romance, e não parou mais desde 1965. Foi jornalista a vida inteira e ainda hoje faz crônicas para o jornal *O Estado de S. Paulo* a cada quinze dias. Com o livro infantil *O menino que vendia palavras* ganhou o Prêmio Jabuti como Melhor Ficção de 2008.

RESENHA

Os mais valentes conseguiam saltar para dentro do trem com ele ainda em movimento e, corajosa-

samente, guardar um lugar confortável para si e para os seus. Os menos ágeis quase se esborrachavam ao ultrapassar a distância entre a escada do vagão e a plataforma; os funcionários da estação só ajudavam as mulheres e no máximo os idosos a descer – os gordos precisavam se virar sozinhos. Havia quem trouxesse lanches e salgados de casa; havia quem preferisse pedir no restaurante – mais caro, porém mais digno.

Os trens da vida real evocavam a magia dos trens de cinema – também em terras tropicais era possível se apaixonar por um belo rosto, embora as mulheres da linha Paulista não andassem cobertas de joias como as lendárias damas do Expresso do Oriente. As estações abandonadas dos dias de hoje ainda evocam a memória dos antigos funcionários da ferrovia: histórias de vitórias e derrotas, por vezes cômicas, por vezes trágicas. Houve um homem que passou anos e anos indo todas as noites a uma estação na esperança de restituir a mala perdida de uma bela desconhecida de perfume

inesquecível. Diz-se que uma locomotiva desapareceu como que por encanto ao passar em alta velocidade por um túnel. Verdade e ficção se misturam nesses relatos de memória em que os fatos importam apenas na medida em que suscitam evocações.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Filho de uma família de ferroviários, Ignácio de Loyola Brandão cresceu entre vagões e locomotivas. Daí porque, para ele, falar dos tempos em que os trens de passageiros ainda cruzavam o Brasil está longe de ser uma investigação histórica, pois, embora a obra também nos apresente questões de ordem sociopolítica, mesmo essas aparecem entremeadas com fragmentos de memória, profundamente afetivos. Nesse livro, porém, memória não significa pura e simplesmente autobiografia: além de episódios da infância e juventude do autor, somos apresentados a fragmentos da vida de parentes e conhecidos, a lendas que possuem um tanto de verdade, a imagens dos trens de cinema, a personagens característicos, como os caixeiros-viajantes que usavam uma capa branca plastificada para proteger seus ternos da poeira e aos andarilhos que caminhavam solitários pela linha férrea, sem se importar se iriam viver ou morrer. Em cada crônica, Loyola adota um tom diverso, oscilando entre um narrador mais envolvido, mais distanciado ou um cronista reflexivo. Durante toda a obra, a riqueza de modos de vida e de construções imaginárias ligadas aos trens aparece sob novo ângulo; há um contraponto permanente entre locomotivas fervilhantes e plataformas lotadas do passado e estações abandonadas ou restauradas do presente. Loyola dá voz às esperanças dos ferroviários que se reúnem para rememorar os velhos bons tempos: será que haverá o dia em que os trens vão voltar?

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: memórias.

Palavras-chave: ferrovia, viagens, modos de vida.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Temas transversais: pluralidade cultural.

Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. O título do livro e a imagem da capa imediatamente revelam o universo que permeia a obra: o dos trens e ferrovias. Converse com seus alunos sobre o assunto: quais deles andam ou já andaram de trem? O que diferencia as ferrovias dos demais meios de transporte? Proponha que façam um levantamento de filmes, canções e narrativas em que os trens apareçam como cenário ou tema.
2. Chame atenção para a dedicatória na qual o escritor revela seus familiares que foram ferroviários. Provavelmente, seus alunos se darão conta de que se trata de uma obra repleta de elementos autobiográficos.
3. Leia com eles o prefácio *Trens, ah, os trens!*, em que o autor defende apaixonadamente seu meio de transporte favorito, comparando-o aos demais, dos quais ressalta os inconvenientes. Como seus alunos costumam viajar? Que transporte preferem? Será que partilham da opinião de Loyola?
4. Por que será que, como diz o autor, os trens de passageiros desapareceram no Brasil? Embora essa questão seja tratada no decorrer da obra, proponha que a turma faça uma pesquisa a respeito da história das ferrovias no país. Que interesses econômicos e políticos estavam em jogo na sua criação ou desativação?
5. Leia com a classe a seção *Autor e obra*, em que o autor nos conta um pouco sobre a sua vida e revela aspectos de sua maneira de pensar. Tomando como exemplo esse texto, proponha que cada aluno escreva uma pequena biografia de, no máximo, duas páginas, contando os momentos que considera os mais importantes de sua trajetória e apresentando um pouco de sua maneira pessoal de enxergar a vida.

Durante a leitura

1. Uma vez que os textos, embora se debrucem sobre o mesmo universo, são independentes entre si, os capítulos não precisam ser lidos na ordem em que se encontram dispostos na publicação. Deixe que seus alunos sintam-se à vontade para, caso desejem, utilizar o sumário e ler em primei-

ro lugar os textos cujos títulos lhes despertarem maior curiosidade.

2. Peça à turma que preste atenção à maneira como o autor por diversas vezes sobrepõe o passado longínquo ao presente – às vezes pelo contraste, às vezes pela semelhança.

3. Como o universo dos trens é provavelmente um tanto remoto para seus alunos, a seção *Para ficar por dentro*, ao final do livro, pode ser bastante útil. Estimule-os a consultar essa seção a fim de esclarecer suas dúvidas a respeito do vocabulário mais específico e do funcionamento das ferrovias.

4. Durante todo o livro, recriações de placas e avisos veiculados dentro dos trens e nas estações aparecem em meio aos textos. Chame a atenção para a sua presença. Perceba se os alunos notam como o texto das placas quase sempre possui alguma relação com o capítulo em questão.

5. No decorrer da obra, Ignácio de Loyola Brandão faz referência a inúmeros filmes e livros que contribuíram, durante sua vida, para aumentar ainda mais o seu fascínio pelos trilhos. Peça a todos que tomem nota das referências, a cada vez que aparecerem.

6. As fotografias e imagens que permeiam o livro contribuem tanto quanto os textos para recriar um ambiente e um modo de vida quase desaparecido. Convide seus alunos a mergulharem na atmosfera, procurando visualizar as situações narradas pelo autor.

Depois da leitura

1. Os capítulos de *A morena da estação* não aparecem em ordem cronológica, tampouco obedecem a um critério lógico evidente. Se seus alunos tivessem de organizar o livro em seções, de que maneira agrupariam os textos? Por ordem cronológica? Pelos personagens que se destacam? Por semelhanças temáticas? Que grandes temas poderiam ajudar a organizar essa obra em partes distintas? Divida a turma em pequenos grupos e proponha que cada um deles faça duas propostas diferentes de organização para o livro, criando um sumário para cada uma delas, em que os capítulos sejam organizados de acordo com critérios escolhidos por eles.

2. Em diversos pontos do livro, o autor comenta que vivenciou um momento “proustiano”. Explique a seus alunos que esse adjetivo se refere a Marcel Proust, cuja obra *Em busca do tempo perdido* é uma das maiores da literatura mundial e uma referência obrigatória quando se fala em memória. Sugira que realizem uma pesquisa sobre a vida e a obra do autor e traga para ler com a classe um fragmento do início da terceira parte do primeiro volume da obra (*Nomes de terras: o nome*), em que o narrador relata em primeira pessoa sua viagem de trem a Balbec, em companhia da avó, e fala dos trens como caixas mágicas que ligam um nome a outro nome. Estimule-os a comparar o estilo do autor francês ao de Ignácio de Loyola Brandão.

3. Proponha, ainda, que realizem uma pesquisa sobre a vida e a obra de Leon Tolstói, outro dos grandes autores da literatura mundial, de quem Loyola fala no capítulo “A morte de Tolstói”. Uma de suas mais famosas personagens, Anna Karenina, também morre em uma estação de trem, jogando-se sobre os trilhos após receber um frio bilhete do amante pelo qual ela deixara sua família, tornando-se difamada. Se possível, leia para a classe o trecho que narra a morte de Anna e, em seguida, assista à cena correspondente em uma das adaptações da obra para o cinema, dirigida por Clarence Brown e com Greta Garbo no papel-título. Veja como o suicídio aparece apenas sugerido e como o movimento dos trens e a trilha sonora evocam o desespero da protagonista.

4. Peça aos alunos que, reunidos em duplas, retomem a lista que fizeram com as referências feitas pelo autor a livros e a filmes em que os trens estejam em evidência, tais como: *Doutor Jivago*, *Pacto sinistro*, *A Besta Humana*, *Assassinato no Expresso do Oriente* e muitos outros. Promova um sorteio de modo que cada dupla fique responsável por uma das obras – os alunos devem pesquisar o filme ou o livro sorteado e selecionar uma cena ou trecho em que o trem apareça em destaque para trazer para o restante da turma. Que diferentes atmosferas as estações de trem evocam em cada obra? Mistério, tragédia, romance, aventura? Excitação, suspense, melancolia?

5. Ao abordar a crítica ao totalitarismo stalinista em *Doutor Jivago*, o autor se refere a outros trens históricos que ficaram famosos por sua utilização para fins desumanos: os veículos superlotados que transportavam prisioneiros aos campos de concentração nazista. Leia com seus alunos “A viagem”, o primeiro capítulo do livro *É isto um homem?*, de Primo Levi, em que o autor italiano, prisioneiro em Auschwitz, relata sua tenebrosa deportação em um desses vagões.

6. Os meios de transporte que utilizamos, ainda que pareçam meros coadjuvantes, representam um papel preponderante em nossa vida, propiciando momentos de tensão e de alegria, de solidão e de encontro. Peça a seus alunos que escolham um meio de transporte que utilizem com certa frequência (ônibus, carro, moto, bicicleta, avião) e procurem se lembrar de cenas marcantes que tenham vivido, presenciado ou mesmo ouvido falar envolvendo um deles. Proponha então que escrevam um conto em primeira pessoa a respeito das memórias que esses veículos lhes evocam, superpondo passado e presente à maneira de Ignácio de Loyola Brandão.

♦ nas ondas do som

Ouçá com seus alunos o belo clássico *Trenzinho caipira*, que integra as Bachianas, de Heitor Villa-Lobos (compositor que é o principal expoente da música no modernismo brasileiro). É riquíssima a maneira como o músico consegue evocar os sons de um trem em movimento e de um apito de locomotiva numa composição para orquestra.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Não verás país nenhum. São Paulo: Global.

Cadeiras proibidas. São Paulo: Global.

O menino que vendia palavras. Rio de Janeiro: Objetiva.

Veia bailarina. São Paulo: Global.

O verde violentou o muro. São Paulo: Global.

► do mesmo gênero

Transplante de menina, de Tatiana Belinky. São Paulo: Moderna.

Olhinhos de gato, de Cecília Meireles. São Paulo: Moderna.

Livro da 1ª vez, de Otavio Frias Filho. São Paulo: Cosac Naify.

Índez, de Marcel Pagnol. Campinas: Pontes.

► leitura de desafio

Sugerimos a leitura de *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, publicado pela editora Itatiaia. Essa obra aborda as transformações sociais ocorridas logo após a Revolução Russa, em outubro de 1917, e que culminou na execução da família Romanov e a instauração do regime soviético. O romance, que valeu o Prêmio Nobel ao seu autor em 1958, foi, como diz Ignácio de Loyola Brandão, proibido durante muito tempo pelas autoridades estatais da União Soviética. Revestido de caráter autobiográfico, o romance relata a trajetória de um médico-escriptor-pensador-poeta que, sem recorrer a juízos de valor, coloca a nu as contradições do regime. O narrador atua como um observador, um fotógrafo ou um *cameraman* manobrando a sua objetiva a fim de captar instantes da vida de cidadãos anônimos inseridos num quadro de mudança econômica, social e cultural.